

EDUCAÇÃO ON-LINE: PERSPECTIVAS PARA A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA INTERFACE FÓRUM

KRATOCHWILL, Susan – UNESA

GT: Educação e Comunicação / n.16

Agência Financiadora: CAPES / PROSUP

1- Introdução

O indiscutível avanço das tecnologias digitais tem proporcionado consideráveis transformações nos sistemas de informação e comunicação. O computador conectado a internet vem provocando um novo dimensionamento no modelo comunicacional de emissão-recepção, tornando a comunicação mais interativa e, conseqüentemente, dialógica.

A educação a distância (EAD) também sofreu interferências desse novo modelo comunicacional, possibilitando o surgimento da educação on-line que experimenta um novo conceito de distância. O modelo analógico de transmissão *um-todos* ou *um-um*, utilizado pela EAD através da televisão, do rádio e dos materiais impressos, tem seu valor, mas não tem contemplado de forma efetiva as necessidades desse *novo espectador*¹ da sociedade do século XXI². Mesmo a sala de aula presencial não tem mais se sustentado no modelo da educação bancária³, outros fazeres e outros olhares têm se evidenciado: o “*como*” e “*o que ensinar*” e o “*como*” e “*o que avaliar*” têm suscitado cada vez mais discussões sobre o fazer pedagógico. Segundo Peters (2001, p. 33), a educação on-line é “didaticamente híbrida, o que proporciona à educação a distância uma flexibilidade ainda maior e um enorme potencial didático de mudança”.

A partir das experiências vivenciadas em EAD com a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), originou-se a motivação desta pesquisa de mestrado com o seguinte objetivo: analisar as possibilidades de implementação de uma avaliação dialógica, dirigida especialmente às atividades da interface fórum que se insere no

¹ Termo utilizado provisoriamente por Silva, 2002.

² Ramal (2002, p. 79) dá enfoque à urgência de mudanças nas posturas “queiramos ou não, neste momento complexo e contraditório, momento de rupturas e renegociações de sentidos, de queda de fronteiras e de acirramento de desigualdades, gesta-se e é gestada uma humanidade diferente, que se comunica de uma forma nova, que faz coisas diversas nos espaços e nos tempos que lhe cabem, que vê o mundo a partir de novos dispositivos. É também tarefa dos pensadores da educação e dos pesquisadores deste momento ajudá-la a compreender e a tornar-se melhor”.

³ Freire (2005) em “Pedagogia do Oprimido” caracteriza como educação bancária a educação baseada no professor-transmissor e no aluno-receptor, como um mero depositário de informações.

contexto de duas das disciplinas pedagógicas presentes em três cursos de licenciatura que têm parte de sua carga horária oferecida on-line.

Para tornar possível a realização da pesquisa, tomou-se como metodologia a abordagem qualitativa orientada pela perspectiva sócio-histórica (FREITAS, 2002, 2003a, 2003b), evidenciando os sujeitos envolvidos não mais como objeto de pura observação, mas como sujeito de estudo dentro de um contexto histórico e social, transformando a pesquisa em um processo dialógico de acordo com a teoria enunciativa da linguagem de Bakhtin (2000, 2004).

De acordo com Freitas (2002, p. 21), a pesquisa qualitativa orientada pela perspectiva sócio-histórica:

ênfatisa [...] a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social. A pesquisa é vista como uma relação entre sujeitos, portanto dialógica, na qual o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo.

Através do olhar sócio-histórico (FREITAS, 2002, 2003a, 2003b), buscou-se a construção de uma metodologia que caracterizasse a postura dos professores-tutores e dos estudantes em relação à avaliação dialógica, relacionando a prática vivenciada com os anseios e concepções do grupo de sujeitos. A partir desta metodologia, os sujeitos despertaram para a reflexão sobre a ação (prática pedagógica vivenciada), o que gerou uma *re-ação* como consequência da avaliação que fizeram de si mesmos. Pesquisadora e pesquisados se *re-significaram* no campo (FREITAS, 2002) e através da observação dialógica e das entrevistas abertas e semi-abertas vivenciou-se um novo fazer pedagógico no que diz respeito à avaliação da aprendizagem a partir da interface *fórum*.

A partir destes procedimentos construiu-se o cenário do campo investigado, as prospecções e conclusões, sempre fundamentadas pelo quadro teórico que embasa esta pesquisa e com a preocupação de ser uma construção dialógica, pois segundo Freitas (2003a, p. 37), “é nesse jogo dialógico que o pesquisador constrói uma compreensão da realidade investigada transformando-a e sendo por ela transformado”.

2- O que é avaliar dialogicamente?

O fato de a educação on-line ser mediada a partir do AVA, um recurso híbrido, bidirecional, polifônico, aberto e co-participativo, portanto, dialógico e potencializador da interatividade⁴, tem levantado múltiplos questionamentos com relação a sua efetivação. Muitos estudiosos têm sugerido que toda a potencialidade do AVA tem sido subutilizada com a reprodução do modelo de educação tradicional da sala de aula presencial. Acredita-se ser esta uma preocupação fundamentada a partir do que nos lembra Caldeira (2004, p. 1) quando menciona os estudos de Harasim (1990, 1995) apontando “para o fato que educação on-line propõe um novo paradigma que transcende o ensino presencial e o próprio ensino a distância, combinando os benefícios de ambos”.

Se a educação on-line deve ser vista sob um novo paradigma, os processos que a permeiam também o devem, tais como os processos de ensino, de aprendizagem e de avaliação. A dinâmica sugerida para uma educação que busca atender as reais necessidades da sociedade que se gesta no século XXI deve estar para além do mero conceito de transmissão de conteúdos, assumindo relevância muitas das contribuições de Freire (2005, p.79), por trazerem em si a base epistemológica da sociedade da informação onde “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. As mudanças que estão atingindo a educação anunciam que os contextos de aprendizagem não comportam mais a figura do professor-transmissor e do estudante-receptor. Esta questão é bem sinalizada por Lévy (2005, p.172, grifo do autor):

como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transação de conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de *acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização* que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo os papéis de professor e de aluno.

Pensando nesse sentido, ganha relevância as considerações de Romão (2005, p. 133), “a avaliação pode funcionar como diagnóstico ou como exame; como pesquisa ou como classificação; como instrumento de inclusão ou de exclusão; como canal de

⁴ Silva (2002, p.20, grifo do autor) define como “pedra angular” sua primeira formulação do conceito de interatividade: “interatividade é a disponibilização consciente de um *mais comunicacional* de modo expressivamente complexo, ao mesmo tempo atentando para as *interações* existentes e promovendo mais e melhores *interações* – seja entre usuário e tecnologias, digitais ou analógicas, seja nas relações “presenciais” ou “virtuais” entre os seres humanos”.

ascensão ou como critério de discriminação”. Uma das primeiras barreiras que se deseja transpor aqui é a de avaliação como ato de punição, ou seja, eliminar a “visão culposa”⁵ da avaliação e inserir a visão de avaliação enquanto processo mediador do processo de aprendizagem e como diagnóstico contínuo dos processos de ensino e de aprendizagem. Seguindo esta perspectiva, considera-se que “a avaliação é essencial à educação. Inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação” (HOFFMANN, 2005, p. 15). No intuito de potencializar tais características, busca-se ressaltar na avaliação os aspectos dialógicos essenciais para a definição dos instrumentos e dos procedimentos avaliativos.

Existe a preocupação de que mesmo no ensino presencial a avaliação tem se mostrado pontual, excludente e objetivando exclusivamente resultados, propondo, assim, a inquietação de que tais modelos estariam se reproduzindo nos AVAs. A partir de tais inquietudes levantam-se polêmicas que vêm reativar a discussão sobre avaliação, principalmente sob a perspectiva dialógica. Para definir a concepção dialógica utilizada neste estudo, baseou-se na concepção social de Bakhtin (2004) em que tudo é diálogo e dele depende a compreensão:

a significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos. (BAKHTIN, 2004, p. 132)

Compartilhando desta visão do “eu” com o “outro”, Vygotsky (1998) acredita na necessidade das mediações para o desenvolvimento do aprendizado, inclusive auxiliadas por instrumentos e pela própria linguagem. Segundo Oliveira (1993, p. 27), “Vygotsky trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada”, o que caracteriza a base do sócio-interacionismo. Para melhor caracterizar esse processo, pode-se determinar mediação como “processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação:

⁵ Segundo Romão (2005) esta visão da avaliação tem raízes na civilização ocidental cristã que tinha o pecado como referencial (ideologia do pecado), onde todos se puniam e puniam aos outros pelos erros, e também na ideologia burguesa alimentada pelo Estado Burguês, que tem a escola como um aparelho ideológico dos mais eficientes. Na concepção burguesa a avaliação significa resultado de produção, ou seja, deseja como resultado o produto daquilo que foi investido e como em todo sistema capitalista, o principal é o produto e que seja positivo.

a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 1993, p. 26).

No entrecruzar das falas de Bakhtin e Vygotsky pode-se vislumbrar uma educação que, apesar de se basear nas interações, na coletividade, respeita o princípio de alteridade e de autonomia do sujeito. Suas teorias evidenciam a linguagem enquanto mediadora do processo social e de aprendizagem. A partir desta concepção de linguagem, enquanto fenômeno que media as relações sociais e de aprendizagem, buscou-se na interatividade a dinâmica indispensável à constituição dos sentidos, oportunizando aos sujeitos, enquanto aprendizes, a real possibilidade de construir e significarem os conteúdos e conceitos a partir de um processo dialógico e interativo.

Considera-se, neste estudo, que os conceitos e os fundamentos da avaliação independem do ambiente no qual se desenvolve a aprendizagem e que os recursos tecnológicos oferecidos no AVA podem potencializar novas práticas de avaliação, posto que os dispositivos e interfaces digitais propiciam a interação, a interatividade e a dialogia necessárias para fazer da avaliação uma subsidiária do planejamento e da execução, um instrumento que auxilia na melhoria dos resultados (LUCKESI, 2005), conseqüentemente auxiliando na construção do conhecimento.

Busca-se, então:

a perspectiva da ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Buscando coordenar seus pontos de vista, trocando idéias, reorganizando-as. (HOFFMANN, 2005, p. 57)

Nesta busca nada mais se pretende além de demonstrar a oposição ao modelo “transmitir-verificar-registrar”, conduzindo os caminhos por uma prática reflexiva e desafiadora para os docentes e aprendizes, superando o saber meramente transmitido e provocando a produção do saber enriquecido (HOFFMANN, 1994). Avaliar dialogicamente não descarta a necessidade inicial do oferecimento da informação, porém a informação meramente transmitida ou adquirida não deixa de ser um dado acumulado que precisa ser processado, (re)significado e transformado em conhecimento enriquecido e aplicável.

A avaliação, enquanto relação dialógica, vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e também pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. (HOFFMANN, 1994, p. 56)

Obtém fundamental importância caracterizar a avaliação como um processo que por si só já pressupõe dialogia, sendo que esta também pressupõe interação e interatividade. Seguindo esta perspectiva, faz-se necessário construir posturas docentes e discentes com predisposições para tal atuação. Evidenciando-se a avaliação no AVA, com todas as possibilidades digitais que o ambiente propicia, estas características da avaliação podem ser concretizadas considerando que “a interação mútua deve ser valorizada e o trabalho autoral e cooperativo dos alunos fomentado” (PRIMO, 2006, p.48).

É de extrema importância reconhecer que o ambiente digital, conectado a internet, predispõe e pressupõe possibilidades colaborativas, interativas e autorais infindáveis, com base em sua plasticidade, fontes de dados, informações e recursos, através de momentos síncronos e assíncronos que vêm corroborar não com uma, mas com inúmeras possibilidades construtivas. Engajar a avaliação dialógica neste contexto seria extremamente viável se não tivéssemos que repensar posturas, processos e instrumentos que contemplassem tal dinâmica. “Repensar a avaliação da aprendizagem passa por repensar a educação como um todo e, ao fazê-lo, é indispensável um questionamento político, social e cultural dos participantes dos processos educativos” (DILIGENTI, 2003, p. 88).

3- Como o fórum pode potencializar a avaliação dialógica da aprendizagem?

Pensando que “as palavras de um falante estão sempre e inevitavelmente atravessadas pelas palavras do outro [...] em linguagem bakhtiniana, a noção do eu nunca é individual, mas social” (LUKIANCHUKI, 2001, p. 1), encontrou-se no fórum on-line o fomento necessário para que se possa estabelecer uma relação dialógica.

Fóruns de discussão são salas virtuais de interação assíncrona, pelo fato da comunicação não ser feita em tempo real e “alguns especialistas consideram que os

arquivos desses grupos de discussão formam hoje a mais vasta experiência de participação coletiva de troca de idéias jamais vista no mundo” (ZOTTO, 2001, p. 4).

Os AVAs incorporaram didaticamente essa interface como mais uma possibilidade interativa de aproximação das distâncias, de colaboração, de diálogo, de socialização e de trocas de informação e de reflexão. Em se tratando de ambientes próprios para o processo virtual de educação formal, pretende-se esclarecer como se dimensiona o fórum disponibilizado no AVA como mais uma possibilidade de avaliação na concepção da dialógica. Sánchez (2005, p.3, tradução nossa), define o fórum com finalidades educacionais no ambiente on-line como:

um espaço de comunicação formado por quadros de diálogo nos quais se vão incluindo mensagens que podem ser classificadas tematicamente. Nestes espaços os usuários, e no caso nos referimos a fóruns educativos, os alunos podem realizar novas contribuições, esclarecer outras, refutar as dos demais participantes, etc, de uma forma assíncrona, sendo possível que as contribuições e mensagens permaneçam todo o tempo a disposição dos demais participantes.

Se o fórum traz em si essa gama de possibilidades, cabe ressaltá-lo como uma interface dialógica que pode potencializar a avaliação na dimensão dialógica. Percebe-se nessa dimensão que a avaliação não é um momento nem uma atividade pontual dos processos de ensino e de aprendizagem, mas um processo entrelaçado e intrinsecamente ligado aos demais. É como sugere Luckesi (2005, p. 166):

a avaliação da aprendizagem necessita, para cumprir o seu verdadeiro significado, assumir a função de subsidiar a construção da aprendizagem bem-sucedida. A condição necessária para que isso aconteça é de que a avaliação deixe de ser usada como um recurso de autoridade, que decide sobre os destinos do educando, assumam-se o papel de auxiliar o crescimento.

Em seu papel de subsidiar a construção do conhecimento, torna-se possível o acompanhamento docente e discente dessa construção, não apenas como observadores, mas como colaboradores ativos desse processo construtivo. A avaliação, então, torna-se uma nova prática que, sob a óptica do educador, vai acompanhar e construir junto o conhecimento, estando este educador como um mediador do processo, que irá propiciar caminhos, problemas e inquietações a serem revistas e reformuladas por seus aprendizes:

a visão do educador/avaliador ultrapassa a concepção de alguém que simplesmente ‘observa’ se o aluno acompanhou o processo e alcançou resultados esperados, na direção de um educador que propõe ações diversificadas e investiga, justamente, o inesperado, o inusitado. Alguém que provoca, questiona, confronta, exige novas e melhores soluções a cada momento (HOFFMANN, 2004, p. 77).

O fórum, com suas características dialógicas e interativas, vem justamente colaborar com essa práxis, no processo de avaliação dialógica, o docente, mais do que o simples acompanhamento do processo, também tem a possibilidade de interferência e de reflexão sobre a própria ação, reconstruindo os próprios caminhos assim como possibilitando ao sujeito aprendiz a reconstrução dos seus caminhos também. A dinâmica da dialógica, que pode ser potencializada pelo fórum, permite ao docente a revisão dos conceitos, da metodologia e do próprio conteúdo e, por ser dialógica, também permite ao aprendiz a auto-avaliação, ressignificando e reconstruindo a aprendizagem e o conhecimento.

Como é possível vislumbrar no fórum de discussão on-line todas as possibilidades aqui sugeridas?

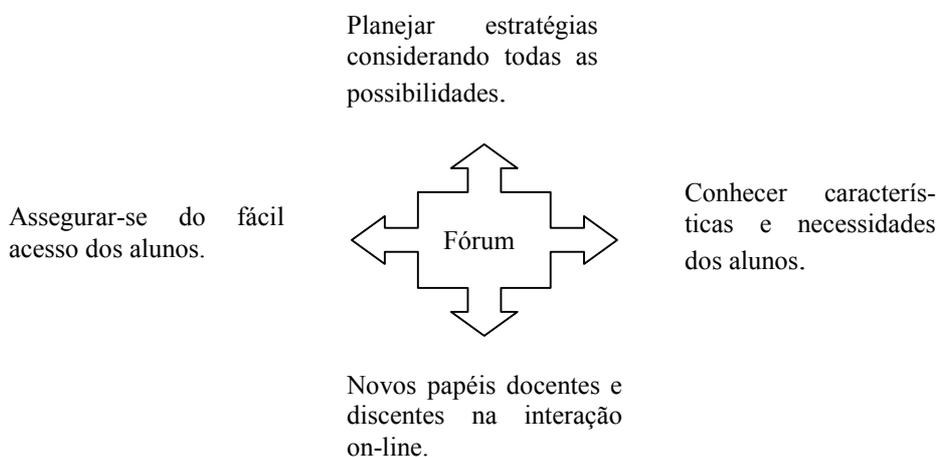
Quando se vislumbra uma avaliação dialógica, diagnóstica e formativa, a dinâmica do fórum de discussão acaba por ser mais um complemento do fazer docente, mais um instrumento avaliativo que por suas características possibilita o acompanhar dialógico da construção do conhecimento. Da mesma forma que propicia ao estudante/aprendiz a possibilidade de se auto-avaliar, gerando, assim, conforme sugere Ariza (2000) citada por Brito R. (2004, p. 5, tradução nossa), a “aprendizagem individual como resultado de um processo grupal”. Seguindo esta característica, ao mesmo tempo em que o docente acompanha e participa das contribuições individuais, desenrola-se uma teia textual coletiva que acaba por caracterizar a aprendizagem de forma colaborativa.

Sánchez (2005, p. 7, tradução nossa), acredita na efetiva possibilidade do fórum de discussão on-line, com fins educativos, ser uma excelente ferramenta de avaliação:

o fórum pode chegar a constituir-se como uma grande ferramenta de avaliação, através do qual o moderador ou docente terá em conta o número e a qualidade das contribuições dos participantes. Além do mais, poderá considerar questões como as colaborações complementares dos alunos para apoiar o trabalho do outro, para complementar a informação, ajudar a resolver dúvidas de outros companheiros, etc.

Torna-se interessante a dinâmica desenvolvida no fórum pela sua perspectiva dialógica. Todos os participantes têm a oportunidade de se expressar, interferir e receber interferências, se constituir a partir da constituição do outro e da percepção do outro sobre a expressão do primeiro. Dentro desse processo dialógico, a autonomia e a autoria se constituem em respeito à alteridade, à individualidade e ao mesmo tempo em que coletivamente. Para o docente forma-se um campo rico de possibilidades que atendem a perspectiva da avaliação dialógica, além de se desenvolver um texto dinâmico e interativo por sua fluência de idéias, alternâncias, descobertas e construções, conforme apresentam Feenberg e Xin (sem data, p. 6, tradução nossa) “discussão on-line é de fato uma nova forma de escrita colaborativa. Sob este ponto de vista, uma discussão on-line forma um único texto com vários autores em vez de uma coleção de textos únicos”.

O fórum não pode ser aberto apenas como mais uma atividade a ser oferecida aos estudantes, sem que para isso não se tenha delineado os propósitos e objetivos que se pretende na utilização desta interface naquele dado momento. A partir das propostas de Feenberg e Xin (s/d), Brito R. (2004) e Sánchez (2005), consideram-se alguns aspectos importantes para que se crie um fórum com fins didáticos, tais como:



Sendo utilizado como mais um recurso do processo avaliativo, o fórum poderá atender as distintas etapas deste processo: diagnosticar, mediar e apresentar resultados, atuando dentro de uma dinâmica que propicia ao docente/mediador a possibilidade avaliativa dialógica, pois permite não só acompanhar como também interferir no processo, conforme afirma Vygotsky (1998) que em qualquer situação de aprendizado tem sempre uma história prévia. Ao entrar no fórum para começar a debater um tema, o

estudante traz consigo um determinado conhecimento sobre o assunto (nível de desenvolvimento real). Mas, ao dar início às interações e prosseguir com os debates, deseja-se que os estudantes atinjam um outro nível de conhecimento sobre o assunto (nível de desenvolvimento potencial). Observando, interagindo e permitindo a interação no ambiente favorável que se torna o fórum, propicia-se uma zona de desenvolvimento (zona de desenvolvimento proximal) que é:

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1998, p. 112).

4- Uma experiência no fórum de discussão

O campo escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi o ambiente virtual de aprendizagem do Consórcio CEDERJ - Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro. Deste consórcio fazem parte todas as Universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro e o Governo do Estado, “com o objetivo de democratizar o acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade e utilizando a moderna metodologia da educação a distância” (www.cederj.edu.br).

Os cursos investigados neste estudo foram os referentes às Licenciaturas (Matemática, Física e Ciências Biológicas) e são cursos semi-presenciais (contam com momentos presenciais obrigatórios) e estão baseadas em três eixos: o material didático, as tutorias e as avaliações. Cada Universidade do Consórcio tem a responsabilidade e o domínio de um determinado curso para um determinado grupo de pólos regionais, sendo a UERJ, por exemplo, responsável pelas disciplinas que formam o educador, chamadas disciplinas pedagógica, em oito do total de pólos.

Este programa conta com um ambiente virtual de aprendizagem e está disponível a todos os estudantes que podem acessá-lo a partir do momento que efetivam sua matrícula no sistema, mas a utilização do ambiente pelos estudantes não é condição necessária em momento algum do curso.

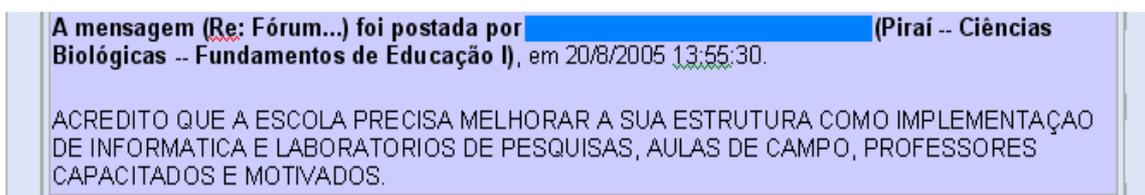
O foco desta pesquisa voltou-se para os professores-tutores a distância que são professores bolsistas, graduados e/ou pós-graduados que interagem com os estudantes de todos os pólos que a Universidade é responsável, tais interações podem ser por fax,

telefone (sistema 0800) e todas as ferramentas e interfaces disponíveis no AVA do CEDERJ. Esta equipe interage diretamente com as coordenações das disciplinas nas Universidades, participando dos programas de capacitação, elaboração de avaliações e de planos de estudos, assim como de diretrizes estabelecidas para as disciplinas, também compete a esta equipe a correção das avaliações presenciais.

Diante deste amplo projeto de educação semi-presencial, optou-se por delimitar a área de abrangência da pesquisa nas disciplinas obrigatórias Fundamentos da Educação 1 e 2. O campo físico situa-se no pólo de tutoria a distância sediado na UERJ, juntamente com os professores-tutores e coordenadores da disciplina. O campo virtual foi o próprio AVA desenvolvido pelo CEDERJ (Plataforma CEDERJ – www.cederj.edu.br), mantendo-se o foco principal no fórum de discussão disponibilizado no ambiente e nas práticas avaliativas desenvolvidas a partir desta interface digital.

A partir do contato inicial, que buscava o reconhecimento do campo, antes que as interferências comesçassem a se projetar, constatou-se que o fórum de discussão contava com participações, de professoras-tutoras e estudantes, de forma estática, pouco dialógica, visando apenas atribuição de nota nas *postagens* consideradas *certas* (assim eram chamadas as participações, caracterizando uma postura bastante estática).

Este primeiro contato da pesquisadora com o campo mostrou que a utilização do fórum de discussão, como uma possibilidade dialógica de avaliação da aprendizagem, não alcançava o dialogismo esperado.



(Participação de um estudante, sem aprofundamento, sem diálogo e sem comentário das mediadoras).

Todas as professoras-tutoras foram entrevistadas presencialmente e através de correio eletrônico e concordavam que o fórum poderia assumir uma postura dialógica, mas que a prática adotada até então ainda não contemplava este aspecto. Os estudantes foram entrevistados através do AVA, utilizando-se do correio eletrônico e do próprio fórum, estes também tinham esta mesma visão, acreditavam no potencial dialógico do fórum, mas não vivenciavam esta dinâmica no mesmo. Alguns acreditavam que

ocorresse a dialógica, mas ao analisar suas falas, percebe-se que estavam confundindo a dialógica com a mera exposição de idéias, sem o debate, a interferência e o confronto, apenas considerando um processo de pergunta e resposta, apesar do momento de entrevista ter apresentado uma definição do conceito de dialógica.

Acho possível e necessário. A relação dialógica torna-se primordial quando desejamos um processo de ensino aprendizagem mais significativo e eficiente. *(Resposta de uma professora-tutora)*

No fórum sim, quando participamos e os tutores nos respondem. *(Resposta de um estudante)*

A equipe de professoras-tutoras tinha por hábito ler as participações e registrar no fórum que os alunos já haviam sido avaliados, não deixando qualquer abertura para o retorno desses alunos engajados em um debate e em comentários acerca das contribuições que ficavam perdidas na tela como fragmentos de textos. Quando algum aluno não atendia as expectativas da questão proposta, as professoras-tutoras mandavam mensagem pessoal (*e-mail* da plataforma) solicitando que os alunos retornassem e refizessem sua postagem. O mecanismo era tão estático que as contribuições dos alunos no fórum eram consideradas como postagens, algo pronto, acabado, que não é dinâmico e não está aberto às interferências, ao diálogo, à (re)significação. Esta forma fragmentada de interação prejudicava o diálogo, que poderia se dar dinamicamente no fórum de discussão, pois segundo Bakhtin (2004, p. 123):

o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

A partir das entrevistas, dos questionamentos e da própria presença da pesquisadora no campo, deu-se início às inquietações e algumas professoras/tutoras, ainda um pouco inseguras com esta nova proposta, começaram a dar os primeiros passos. Conscientes de que tal caminho precisava ser reconstruído, solicitaram que a pesquisadora também participasse do fórum procurando trazer os estudantes para a dinâmica da discussão. Tais inquietudes provocaram reflexões e a presença da pesquisadora no campo obteve maior frequência e estruturou-se em uma relação

puramente dialógica, a equipe de professoras-tutoras iniciou um debate e uma auto-avaliação das atividades do fórum, a discussão dava-se nas seções de tutoria e continuavam pelo correio eletrônico, como observa-se no fragmento de uma das mensagens trocadas:

[...]fiquei pensando sobre a questão do fórum que discutimos na reunião. Peguei umas definições sobre fórum no Google e também troquei idéias com a xxxx (*pesquisadora*) que estava lá também. Ela foi a primeira a nos alertar quanto ao uso do mesmo. Bem, uma coisa não podemos discordar: é uma ferramenta para discussão de um tema. Mas este tema tem que ser discutido com comentários fundamentados e não na opinião momentânea - aqui no caso caracteriza CHAT - bate papo sobre um assunto em que usamos o conhecimento que temos naquele momento. Se o fórum é uma ferramenta de discussão, estamos errando na avaliação, pois é praticamente nula a discussão neste espaço sobre o que os outros comentaram. Como somos educadoras - em primeiro lugar - esta questão me aflige e fico em conflito com o que estamos fazendo. Até mesmo as nossas participações não caracterizam um ambiente de discussão. (Com exceção de alguns comentários da xxxx, que afinal estão muito bons (Física). Cheguei à conclusão que não devemos passar nenhum e-mail enquanto não definirmos o que realmente significa a ferramenta fórum para nós. Abaixo coleí as definições que encontrei sobre fórum. Vamos discutir um pouco este assunto??? [...]

A presença da pesquisadora no campo em diálogo com os sujeitos trouxe novas significações para este campo. A cada momento buscavam-se novas alternativas, novas possibilidades para se construir as práticas que constituiriam a disciplina. O fórum passava a ser visto como um espaço de construção e colaboração, onde se pode caracterizar com bastante êxito a aprendizagem colaborativa. Segundo Brito R. (2004, p. 6, tradução nossa), a aprendizagem colaborativa “permite uma interdependência positiva entre os estudantes, a qual ocorre quando um aluno percebe que está unido a outros de maneira que, ao coordenar seus esforços com os demais, obtém um melhor produto”.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, de cunho sócio-histórico (FREITAS, 2002), a observação dialógica possibilitou estas interferências ao mesmo tempo em que as contribuições solicitadas à pesquisadora não eram apresentadas de forma fechada, mas dialogada, sugerindo investigação e adaptação à realidade dos estudantes e do ambiente virtual disponibilizado.

Com a abertura de um fórum para debater o tema “avaliação da aprendizagem” já se pôde constatar novas posturas de interação, tanto das professoras-tutoras/mediadoras quanto dos estudantes, ambos procurando interagir dialogicamente. As professoras-tutoras procurando não fechar o diálogo, pelo contrário, buscando

estratégias para polemizar, incentivar o debate, as interferências. Veja interferência de uma das professoras-tutoras em diálogo com quatro estudantes:

A mensagem (Re: Avaliação) foi postada por [redacted] (Angra dos Reis -- Ciências Biológicas -- Fundamentos da Educação I), em 14/11/2005 00:29:46.

[redacted], realmente cada aluno possui seu tempo, ritmo, afinal, somos seres únicos! Por que não respeitar esse ritmo individual? Como fazê-lo na avaliação? O conhecimento que o aluno traz, conhecimento prévio, deve ser o ponto de partida, mas sempre lembrando que devemos alargar os horizontes desse indivíduo, mas como avaliar?

[redacted], você conseguiu alcançar a questão. Não conseguimos avaliar nossos alunos, respeitar suas singularidades. Como desfazer uma cultura avaliativa baseada no acúmulo de conteúdos e respostas prontas, se viemos de uma educação assim? As habilidades existem, mas devemos privilegiar apenas o que o aluno sabe fazer? Ou devemos encontrar meios para estimulá-lo a tentar, conhecer coisas novas?

[redacted], o pensar e o refletir se faz essencial sempre. Mas só a filosofia nos leva ao debate e ao pensar? Ou ambos transcendem as disciplinas e estão, ou deveriam estar inseridos no nosso dia a dia, na nossa postura como indivíduos críticos?

[redacted], anos consecutivos de uma visão do educador como centralizador, detentor de todo o conhecimento nos levou a educação atual. Mas como realizar uma avaliação, na sua prática, com seus futuros alunos?

No decorrer deste fórum, além de se poder observar a postura dos estudantes quanto a suas perspectivas de avaliação, também se pôde constatar que a dialógica começava a aflorar, uma vez que os estudantes já apresentavam suas inquietações, seus questionamentos, suas experiências e, ao mesmo tempo, procurando interagir com as outras falas, as outras participações. Mediante a isto, as professoras-tutoras sustentavam o diálogo até que os estudantes construíssem seus conceitos de forma coerente e fundamentada.

Trazer suas inquietações para o debate tornou-se mais freqüente entre os estudantes e, a partir desta postura, outros se motivaram a dialogar com tais questões, buscando formas de se amenizar as polêmicas sem se distanciar do objetivo central da temática. Desta forma o diálogo crescia de forma bem variada, como nos apresenta Brait (2001, p. 79):

o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade [...] o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos.

A partir do diálogo entre mediadores do fórum e os participantes (um-todos) e entre os próprios participantes (todos-todos), a construção do conhecimento ou dos conceitos iam se concretizando, não da forma estática de meros conteúdos, mas em diálogo com as práticas, as experiências, as leituras e os debates, proporcionando um texto que se caracterizasse como o próprio hipertexto.

5- Considerações Finais

Esta pesquisa pode ser considerada como um encontro, um encontro da teoria com a prática, entre os sujeitos pesquisados e o pesquisador, um encontro do imaginado com o realizado e, principalmente, um encontro sócio-histórico.

Com base no referencial teórico adotado e na experiência vivenciada no fórum de discussão da Plataforma CEDERJ, pôde-se concretizar as principais intenções deste estudo. Primeiramente conseguiu-se confirmar que é possível constituir uma avaliação dialógica da aprendizagem no ambiente virtual de aprendizagem. O AVA é um meio digital que permite a interatividade, a polifonia e a hibridação, potencializando o diálogo, as interferências, a co-participação e a co-criação. A partir de tais possibilidades, vivenciou um processo avaliativo dialógico através do ambiente on-line, construído com os sujeitos envolvidos.

Em seguida pôde-se perceber que o fórum de discussão, assim como as características dialógicas do AVA, é uma interface que propicia o diálogo, não apenas na forma de perguntas e respostas, mas na forma de intervenção construtiva, mediada e estimulada pelo docente-mediador que assume papel fundamental nesse processo. Cabe a esse mediador ser o incentivador das participações, o instigador, um provocador de diálogos, de interações que possibilitarão a avaliação enquanto processo e não enquanto cobrança. Daí a relevância deste estudo na área de formação e formação continuada do educador.

Apesar das primeiras impressões não terem evidenciado a dialogia no processo avaliativo desenvolvido no fórum, a perspectiva dialógica da pesquisa proporcionou uma ressignificação do campo e de seus sujeitos, assim como da própria pesquisadora. Desta forma, foi possível caracterizar o fórum como um potencializador da avaliação dialógica no AVA a partir da construção coletiva do conhecimento, do acompanhamento contínuo do docente, das interações com os aprendizes e das interferências necessárias. Ficou ratificado que as participações no fórum favorecem o

diálogo, a interferência, a construção coletiva do conhecimento, oportunizando o desenvolvimento pessoal dos aprendizes e revelando os estágios construtivos para o acompanhamento avaliativo do docente. Ficou evidenciado que a postura pedagógica docente é fator preponderante para se vencer os entraves que qualquer recurso de avaliação, sob a perspectiva dialógica, possa apresentar.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara F. Vieira, colaboração de Lúcia T. Wisnik e Carlos Henrique D. C. Cruz. São Paulo: Hicitec, 2004.

BRAIT, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs.) **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Ed. UFPR, 2001.

BRITO R., Vivina. El foro electrónico: una herramienta tecnológica para facilitar el aprendizaje colaborativo. **EduTec. Revista Eletrônica de Tecnologia Educativa**. n. 17, mar./2004. Disponível em: http://www.uib.es/depart/gte/edutece/revelec17/brito_16a.htm. Acesso em: 06 abr. 2006.

CALDEIRA, Ana Cristina M. Avaliação da aprendizagem em meios digitais: novos contextos. **XI Congresso Internacional de Educação a Distância**. Salvador, 2004. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/033-TC-A4.htm>. Acesso em: 05 set. 2005.

CEDERJ - Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro. Graduação. Disponível em: <http://www.cederj.edu.br>. Acesso em: 02 ago. 2005.

DILIGENTI, Marcos P. **Avaliação participativa: no ensino superior e profissionalizante**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

FEENBERG, Andrew. XIN, Cindy. **A Teacher's Guide to Moderating Online Discussion Forums: From Theory to Practice**. (s/a). Disponível em: <http://www.textweaver.org/mondmanual4.htm>. Acesso em: 11 jan. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, M^a Teresa de A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M^a Teresa de A.; SOUZA, Solange J. e;

KRAMER, Sonia. (orgs.) **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003a.

_____. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**. n. 116, 2002, p. 20-39.

_____. **Vigotsky e Bakhtin: psicologia e educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 2003b.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação - mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

_____. **Avaliar para promover – as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

_____. Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento. **Série Idéias**. São Paulo: FDE, n. 22, 1994. p. 51-59. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/int_a.php?t=008. Acesso em: 10 abr. 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2005.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

LUKIANCHUKI, Claudia. Dialogismo: a linguagem verbal como exercício do social. **Revista Sinergia**. São Paulo: CEFET-SP, v. 2, n. 2. 1º semestre, 2001. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/claudia2.html> . Acesso em: 17 julho 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância: experiências e estágio da discussão numa visão internacional**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

PRIMO, Alex. Avaliação em processos de educação problematizadora *online*. In: SILVA, Marco. SANTOS, Edméa. **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

SÁNCHEZ, Lourdes Pérez. El foro virtual como espacio educativo: propuestas didácticas para su uso. **Verista Quaderns Digitals.net**. n. 40, nov./2005. Disponível: http://www.quadernsdigitals.net/datos_web/homeroteca/r_1/nr_662/a_8878/8878.html. Acesso em: 06 abr. 2006.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação social da mente**. Tradução José Cipolla Neto, Luís S.M. Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZOTTO, Ozir Francisco de Andrade. **Existe vida (inteligente) além do computador?** CELEPAR Informática do Paraná. Estado do Paraná: 2001. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/batebyte/edicoes/2001/bb105/existe.htm>. Acesso em: 11 abr. 2006.